STANTON CHASE
INTERNATIONAL

Executive Search Consultants

"O Regresso da Ética"

Carlos Sezões
Partner da Stanton Chase International

Em tempos conturbados de crise, como os que vivemos, a ética voltou a estar no centro das atenções e dos debates. A relação causa-efeito é óbvia: boa parte dos problemas dos mercados financeiros e bancários tiveram na sua origem comportamentos menos éticos e pouco recomendáveis. Desde a ocultação de informação financeira relevante, à gestão dos órgãos dirigentes estar apenas focada nos ganhos de curto prazo, passando pela irresponsável gestão do risco em proveito próprio, muitas foram as práticas reiteradas que nos colocaram na situação actual.

Mas, apesar da bem-vinda notoriedade do tema, penso que não existe ainda uma noção clara do alcance que a Ética pode e deve ter.

Em primeiro lugar, a clarificação conceptual: a Ética não é um conjunto de regras que alguém se lembrou de escrever. Ética remete para o modo de ser (cultural e ancestral), a conduta apropriada que todos assumimos, com convicção. Em suma, estamos a analisar os actos do ser humano, enquanto ser possuidor de consciência e de razão e a definir princípios e valores que, posteriormente, poderão constituir quadros de referência das nossas condutas – como tal, a ética e sua prática deve do sentimento de obrigação e dever para com o que está correcto (o imperativo categórico, como lhe chamava Kant). Falando dos contextos organizacionais, é neste ponto que as empresas terão de se preocupar: garantir que no seio das suas decisões e operações se encontrem indivíduos com princípios éticos e com condutas morais apropriadas. E claro, que o ambiente que acolhe as pessoas no dia-a-dia seja um facilitador dessas condutas, pautado pelos valores da dignidade do ser humano, da verdade, da justiça e da equidade.

E onde aplicar, onde sairemos do discurso filosófico-teórico e entramos na realidade mais prática? Muito simplesmente, em todas as relações e operações, onde o poder e acção de quem gere tem impacto na vida de outros. E hoje, como é sabido, em muitas áreas se colocam desafios enormes e autênticos dilemas.

Na relação com os colaboradores, temos o imperativo ético de garantir um equilíbrio mínimo entre vida pessoal e profissional (volume e flexibilidade de horários, não discriminação por situação de maternidade ou paternidade), condições de trabalho adequadas ao cumprimento das tarefas, segurança e privacidade (p. ex. a questão da intimidade dos emails) e justiça na avaliação e na promoção do mérito, enquanto critério de progressão interna.

Na relação com os clientes, teremos a veracidade na informação veiculada, o compromisso de rigor nos serviços prestados (níveis de qualidade, prazos), a humildade de reconhecer erros e de os corrigir com a máxima celeridade, independentemente do seu custo.

Na relação com os accionistas (tema importantíssimo nos mercados financeiros), a divulgação de informações pertinentes de forma objectiva e atempada, sem omissões deliberadas (ver casos BPN e BPP).

No que concerne ao público em geral e à comunidade envolvente, há que tomar decisões éticas na redução dos impactos eventualmente negativos que as operações da empresa possam ter – exemplo clássico, os desequilíbrios ecológicos provocados no meio-ambiente.

Importa pois pugnar, através da construção permanente de uma cultura ética (códigos, transmissão de valores) e de intervenções diversas (exemplos das lideranças, comunicação interna regular, acções de formação) para que, de uma forma transversal, os valores éticos estejam presentes em todos os patamares da estrutura organizacional. E possam assim contribuir para a solidez, sustentabilidade e transparência de cada instituição e para o valor-chave do mundo empresarial: a confiança!

Carlos Sezões